

A PASTORAL MISSIONÁRIA E A ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

Desafios e perspectivas para a caminhada das igrejas da América Latina e Caribe

de Estêvão Raschiatti, *sc*

RESUMO: a animação missionária adquire sua relevância em relação à pastoral missionária através do testemunho dos missionários que atuam nas situações mais difíceis, da sabedoria experiencial no encontro com os povos, da reflexão missiológica para repensar uma Igreja toda missionária, da convocação de todos a participar da missão de Deus no mundo e do apelo à consagração para a missão *ad gentes*. São cinco elementos chave para repensar a missão como dinâmica de conversão *ad intra* da Igreja e como impulso projetual *ad extra* para todos os interlocutores do mundo de hoje.

ABSTRACT: The missionary animation becomes relevant to the missionary apostolate through the testimony of missionaries who work in the most difficult situations, through the experiential wisdom from meeting with the peoples, through the missiological reflection to rethink a whole missionary Church, through the calling of all to participate in God's mission in the world and through the call for consecration to the *ad gentes* mission. There are five key elements to rethink the mission as a dynamic of *ad intra* conversion of the Church and as *ad extra* projectual boost to all interlocutors in the world today.

O impulso da renovação missionária quisto por Aparecida leva hoje as igrejas latino-americanas a buscar uma conversão pastoral concreta e significativa, assim como a *dimensão paradigmática* da Missão Continental gera necessariamente uma *dimensão programática* para uma “pastoral decididamente missionária” (DAp 370; EG 15). Em que consiste essa conversão para uma “pastoral decididamente missionária”? Quase nenhum documento do magistério, antes de Aparecida, fala especificamente de pastoral missionária.¹ Os conceitos de “pastoral” e de “missão” parece se cruzar com certa imprecisão, porque “pastoral” diz respeito ao

“cuidado com os fieis” (RMi 34) e “missão” ao envio ao diferente que não pertence ao rebanho cristão.

A terminologia refletia a concepção de duas atividades eclesiais que desenvolviam-se em lugares e com métodos, conteúdos, objetivos e agentes distintos. A conjunção dos dois termos aconteceu, num primeiro tempo, com a constatação que também os “países cristãos” tinham-se tornado “países de missão” e precisavam de uma específica ação missionária, não sendo mais suficiente conservar e preservar a fé, como acontecia num regime de cristandade.²

Hoje usa-se habitualmente a expressão “pastoral missionária” para indicar a exigência de superar uma prática eclesial estática, repetitiva, conservadora e de promover uma prática dinâmica, que envolva toda a comunidade e que esteja orientada ao encontro com as pessoas, à solidariedade com as situações de necessidade e ao anúncio que suscite a adesão de fé.

Na nossa época, caracterizada por profundos câmbios eclesiais e socioculturais, não maravilha certa flutuação da terminologia, que poderá ser ultrapassada só com uma atenta redefinição da identidade específica e da recíproca interdependência das diferentes atividades que concretizam a única missão da Igreja.³

Mas, então, se debaixo desse guarda-chuva da missão cabe toda qualquer atividade da Igreja, a começar pela pastoral ordinária que se legitima como “missionária”, qual é o lugar específico da missão *ad gentes* e quais são as perspectivas da animação missionária que aponta para o compromisso de todas as comunidades com a missão universal da Igreja? Afinal, se já somos missionários por essência batismal e por serem engajados num contexto muitas vezes hostil, avesso e indiferente ao Evangelho, o que acrescentaria a missão *ad gentes* à pastoral missionária e à missionariedade da Igreja latino-americana e caribenha?

Para responder a essas perguntas, devemos antes analisar e compreender bem os caminhos que estão sendo propostos para a pastoral missionária hoje, assim como para a Nova Evangelização. Num segundo momento, tomaremos em consideração a animação missionária repensada numa Igreja em estado permanente de missão, seu papel e suas perspectivas.

ORIENTAÇÕES PARA UMA CONVERSÃO PASTORAL

Papa Francisco usa a referência missionária aplicada à pastoral no sentido de uma profunda conversão da Igreja como um todo (cf. EG 25), desde a mais simples comunidade eclesial (cf. EG 29) até o papado (cf. EG 32): *“fazer com que todas as estruturas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’”* (EG 27). Nesta tensão de buscar “uma pastoral em chave missionária” são necessárias duas condições: *“se concentrar no essencial”* (EG 35), no núcleo fundamental do Evangelho onde sobressai *“a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”* (EG 36); privilegiar decididamente os pobres como destinatários: *“há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres”* (EG 48).

Por outro lado, a missionariedade não se deverá expressar automaticamente em tudo o que a Igreja faz, mas se traduz em como faz, quem faz, para quem faz e onde faz, numa prática eclesial focada no “primeiro anúncio” (cf. EG 164), realizada por todo Povo de Deus (cf. EG 114), na autêntica opção pelos pobres (cf. EG 198) e na constante saída para as periferias (cf. EG 30). Portanto, ao falar de missão devemos lembrar bem a tarefa que a motiva, os discípulos que são enviados, os interlocutores privilegiados e os lugares prioritários. Mas quem determina a qualidade profética dessa missão são os dois últimos critérios, os pobres e as periferias: *“a própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora”* (EG 30). Isso diz respeito à essência da Nova Evangelização: *“a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica*

¹ A *Redemptoris Missio*, por exemplo, cita duas vezes a pastoral missionária (cf. RMi 65; 75), para referir-se porém aos “agentes” da atividade missionária *ad gentes* específica.

² COLOMBO, Giovanni. Pastoral Missionaria. In: PONTIFICIA UNIVERSITÀ UR-BANIANA. *Dizionario de missionologia*. Bologna: EDB, 1993, p. 393.

³ Ibid.

das suas vidas [dos pobres], e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles” (EG 198).

Apesar da *Evangelii Nuntiandi* ter involuntariamente “estigmatizado” a dimensão geográfica da missão⁴, esta continua a ter um valor fundamental porque diz respeito à realidade. Uma das primeiras tarefas que a comunidade eclesial é chamada a cumprir hoje, é mapear a própria realidade e detectar áreas, situações, lugares de prioridade missionária. As Galileias por onde andamos não são todas iguais e não estão todas no mesmo nível: a dinâmica missionária exige *posicionamento* e testemunho profético.

Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos «àqueles que não têm com que te retribuir» (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima (EG 48).

Outro elemento que determina a dinâmica de uma pastoral missionária é a mudança de perspectiva: a tomada de consciência da missionariedade deve favorecer, por exemplo, a passagem de uma pastoral de socialização cristã espontânea a uma pastoral de iniciação cristã; de uma pastoral de acolhida daqueles que estão na Igreja a uma pastoral do ir ao encontro de quantos não conhecem, recusam ou são indiferentes à mensagem evangélica; de uma pastoral de afirmação da doutrina e da prática sacramental a uma pastoral inculturada capaz de resignificar e contextualizar os conteúdos da fé (cf. EG 116); de uma pastoral atenta à eficiência e à organização a uma pastoral de acompanhamento e de escuta das pessoas (cf. EG 46; 82; 171). Com efeito, não podemos esperar que as pessoas venham a nós, precisamos nós ir ao encontro delas e anunciar-lhes a Boa Nova ali mesmo onde se encontram. Esse princípio, que parece quase óbvio, é tão difícil de ser colocado em prática, porque a Igreja tem sempre a tentação de evangelizar os povos a partir de sua própria condição, de suas próprias programações, permanecendo em seu lugar, a partir de sua própria

cultura, enviando e delegando seus missionários, mas sem se envolver num movimento de saída e de inserção nas situações que desejam evangelizar.

Uma terceira orientação essencial para uma conversão pastoral diz respeito à formação do sujeito da ação missionária: a comunidade cristã. A comunidade representa a grande proposta que a Igreja faz ao mundo com sua missão. O próprio Evangelho chama à vida em comunidade. A salvação não passa pela simples distribuição de sacramentos, mas pela resposta a um chamado de discipulado missionário que se realiza numa intensa vida de fraternidade. A missão propriamente dita não se situa no âmbito da atividade, mas naquele das relações – promover novas relações –⁵, assim como o termo “irmão” é chave para compreender a toda essência do Evangelho e da *missio Dei*: Deus é Pai, todos nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs entre nós. É outra visão da humanidade, que leva a uma prática jesuana de proximidade, de atenção, de cuidado, de ternura para com todo ser humano:

O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

Na nossa atividade pastoral, muitas vezes, a comunidade é o elo que falta na relação entre a vivência dos indivíduos e a instituição Igreja. Costumamos chamar de “comunidades” autênticas “quase paróquias”. No lugar de propor a comunidade como ideal de vida e de missão, acabamos repropoando a instituição e, conse-

⁴ “Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN 19; cf. DAp 375).

quentemente, a sacramentalização da pastoral: as pessoas vão ao templo, rezam, comungam, dão esmola e voltam para casa. A vida cristã deve, antes de tudo, ser saboreada na *participação* a pequenos núcleos fraternos que tenham como objetivo um compromisso missionário e que formam uma assembleia junto às outras comunidades na celebração da Eucaristia. Desta maneira a paróquia se torna “uma rede de comunidade” (*DAp* 172), que faz sentir a comunidade de base pertencente a uma comunidade maior.⁶

Uma quarta coordenada para a pastoral missionária é desenvolver a dimensão missionária de toda mediação eclesial por meio de projetos comunitários de missão, desde que estes não se tornem algo de desenraizado da realidade (cf. *EG* 82). Catequese, liturgia, pastorais sociais precisam repensar metodologicamente suas ações através de um planejamento participativo, tendo em conta o estatuto da ação, reunindo as condições necessárias, explicitando o marco referencial da realidade, elaborando um marco operacional e determinando um marco organizacional.⁷ O *Documento de Aparecida* pondera: “*não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais, mas da fidelidade na imitação do Mestre*” (*DAp* 372). Ter um projeto missionário significa imitar Jesus, ser fiel a ele. Ele teve um projeto missionário? Sim, sem dúvida. O encontramos em *Mateus* 9,35-10,42. Aí podemos buscar linhas mestras para traçar os nossos caminhos: enxergar a realidade do mundo e das pessoas com os olhos de Deus, rezando para que o Dono da messe envie operários (cf. *Mt* 9,36-38); chamar pessoas para serem enviadas em missão em comunidade (dois a dois, cf. *Mt* 10,1-4); definir objetivos em torno do anúncio essencial e de destinatários específicos (cf. *Mt* 10,5-7); escolher linhas de ação de promoção da vida e de luta contra o mal (cf. *Mt* 10,8); determinar metodologias de aproximação às pessoas e atitudes básicas diante das inevitáveis perseguições (cf. *Mt* 10,11-20); procurar os meios necessários (cf. *Mt* 10,9-10).

⁵ Cf. BRADANINI, S. A urgência da missão. In: CNBB. *Memória, projeto, seguimento. Missões Populares da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2007, p.114.

Enfim, a conversão pastoral precisa também e necessariamente promover a projeção da comunidade cristã para a missão universal da Igreja: “o Evangelho possui um critério de totalidade que lhe é intrínseco: não cessa de ser Boa Nova enquanto não for anunciado a todos” (EG 237). De forma alguma a missão e a pertença eclesial podem ser pensadas somente dentro de perímetros paroquiais, diocesanos e nacionais: “seria um erro deixar de promover a atividade evangelizadora fora do Continente com o pretexto de que ainda há muito para fazer na América” (Ecclesia in America 74). A universalidade é a alma da missão e do seguimento discipular, pois “a existência do cristianismo parece ser sempre ligada à expansão além de si próprio”.⁸ O Vaticano II adverte a conversão pastoral que “a graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até os confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros” (AG 37). Numa época de globalização como a nossa, não é mais possível pensarmos em nós mesmos. Hoje, o cristão é chamado, por vocação, mais do que qualquer outra pessoa, a ser universal, ou seja, uma pessoa que tem responsabilidade não só sobre si e sua comunidade, mas sobre o mundo inteiro através de suas opções, suas atitudes, sua consciência e seus compromissos.

ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA A SERVIÇO DA PASTORAL MISSIONÁRIA

Em toda essa busca global de renovação missionária da Igreja latino-americana e caribenha, um papel especial é exercido pela animação missionária propriamente dita, “entendida como um espírito e uma vitalidade que impele os fiéis, as instituições e as comunidades a uma responsabilidade universal, formando uma consciência e uma mentalidade missionária orientada ad gentes”

⁶ Esse assunto foi largamente tratado pelo documento da CNBB: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

⁷ Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensara inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006, 201 – 223.

(*Cooperatio Missionalis* 2). Deve-se fazer isso de maneira encarnada e articulada, participando ativamente do processo de renovação missionária de nossas Igrejas, mas ao mesmo tempo tendo bem firme e claros certos objetivos programáticos, de modo que o aspecto fundamental de extensão ad extra e a tarefa primordial da missão ad gentes não “*se torne numa realidade diluída na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida*” (RMI 34).

Na eleição da Igreja local como sujeito da missão (cf. LG 26), o Vaticano II se refere a ela não apenas como protagonista da missão contextual, mas também da missão universal. O adjetivo local não significa uma restrição da universalidade e da projetualidade: ao contrário, indica o lugar no qual a universalidade e a projetualidade devem concretamente mostrar-se. Há, portanto, uma mútua inclusão entre Igreja local e Igreja universal.⁹ A Igreja universal não é a soma das Igrejas locais, e nem é identificável com a Igreja de Roma. Trata-se de uma dimensão essencial da Igreja que se expressa na comunhão entre as Igrejas locais. Se a Igreja é plenamente Igreja num contexto histórico definido, pelo princípio da encarnação, a mútua reciprocidade com as outras Igrejas é “a garantia que essa concretude da Igreja local não se resolva no particularismo étnico e cultural, incapaz de amor católico, e que, por outro lado, a abertura da Igreja universal não desvaneça em generalidades ou em monolitismos”.¹⁰

Contudo, a tentação é sempre aquela da comunidade local esquecer esses compromissos e pensar somente em si. É impressionante ver a introversão de nossas Igrejas em buscar uma renovação missionária dispensando o princípio da universalidade e da comunhão com outras igrejas. É a negação de toda missão. Aparecida não foi muito brilhante neste aspecto. No documento de síntese dos aportes para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano nunca se fala de missão *ad gentes*. No documento final há uma sessão dedicada à missão *ad gentes*, mas

⁸ BEVANS, p. 70.

pouco contundente se a compararmos com Santo Domingo e, sobretudo, com Puebla (cf. *DAP* 373 – 379). Poucas outras vezes encontra-se no documento a dimensão universal da missão (cf. *DAP* 99d; 380; 474a; 548). Nunca se fala do compromisso da América Latina com os outros continentes. Por sua vez, também na *Evangelii Gaudium* do Papa Bergoglio, apesar do conjunto da obra oferecer inúmeras inspirações, não encontramos significativas afirmações sobre a missão *ad gentes* e *ad extra*, a não ser em algumas passagens em que a referência é mais que evidente.¹¹ Em suma: o tema da Nova Evangelização chega como paradigma descolonizado para repensar toda a missão Igreja, mas se repensa essa globalidade da missão da Igreja quase que marginalizando a perspectiva *ad gentes*. Isso é extremamente perigoso!

A tensão problemática entre Nova Evangelização e missão *ad gentes* é uma tensão real e preocupante que remonta ao Vaticano II, particularmente, na elaboração do Decreto *Ad Gentes*¹², e se intensificou progressivamente em todo o período pós-conciliar até o atual pontificado. A afirmação que a renovação missionária proposta tem como finalidade a revitalização do espírito missionário na Igreja, não é absolutamente garantia da salvaguarda da especificidade profética da missão *ad gentes*. Afinal de contas, se tudo é missão e se a missão está aqui, porque consagrar a vida para ir longe a outros países, povos e culturas? O próprio *Instrumentum Laboris* do XIII Sínodo dos Bispos despacha de maneira imprudente a validade da missão *ad gentes* para os dias de hoje (cf. *Instrumentum Laboris* 76). Parece que se quer arquivar a missão *ad gentes* promovendo a missionariedade de toda a Igreja: isso seria um erro desastroso. A solução mais sensata é encontrar uma mútua relação entre Nova Evangelização e missão *ad gentes*, pois essa última deve aparecer com toda nitidez como dimensão e alento para a primeira, e a primeira (missão *ad intra*) como “*signal de autenticidade e estímulo para realizar a outra, missão ad extra, e vice-versa*” (*RMi* 34; cf. *Puebla* 363).

⁹ Cf. MIRANDA, Mário de França. *Igreja e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 24.

¹⁰ Cf. COLZANI, Gianni. *Teologia della Missione*. Padova: Messaggero, 1996, p. 127.

Na busca desta mútua relação, a animação missionária assume seu papel fundamental em ajudar a encontrar o sentido, o fundamento e as direções para uma autêntica missionariedade de toda Igreja, exatamente a partir de seu propósito peculiar: *“formar o povo de Deus para a missão universal ‘específica’, suscitar boas e numerosas vocações missionárias, promovendo toda forma de cooperação na evangelização”* (*Cooperatio Missionalis* 2). “Animação” significa comunicar ânimo, vida, espírito; “animação missionária” é aquela ação pastoral que quer tornar efetivamente missionárias as pessoas, as comunidades, as igrejas, que quer fazer brotar a vocação cristã em toda sua maturidade, pois: *“a maturidade eclesial é consequência e não apenas condição de abertura missionária”*.¹³ Sinal de vitalidade e maturidade de uma comunidade eclesial está em assumir a vocação missionária universal, até contribuir com o bem de toda Igreja e de toda humanidade e assim se tornar uma verdadeira “igreja católica” (cf. *LG* 13). Essa abertura universal é essencial, pena trair o próprio espírito evangélico de um Deus que se deu para todos, e enviou seus discípulos a todos os povos (cf. *Mt* 28,19), mandato do qual nenhum cristão pode se subtrair (cf. *RMi* 3).

O maior recurso que animação missionária tem nesse serviço à Igreja é a comunicação da beleza do *testemunho* da missão *ad gentes*. Histórias de missionários e missionárias que dão a vida em situações limites de pobreza, de perseguição, de dedicação, de diálogo e de encontro com os outros, é patrimônio que tem que ser divulgado, conhecido, admirado, e que gera atração, inspiração, vontade de entrega. Não se ama o que não se conhece, e o que não se conhece não desperta nenhum estímulo para uma conversão pessoal e pastoral. Precisa somente prestar atenção em não cair na tentação de representar super-heróis, mitos, salvadores da pátria. A animação missionária deve continuamente ter uma atitude humilde e corajosa de discernimento em mostrar

¹¹ Cf. *EG* 14; 115-117; 181; 194; 234-237; 261.

¹² Cf. RASCHIETTI, Estêvão. *Ad Gentes*. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 14 – 17.

a missão de Deus em nós, a nossa missão como participação na ação divina, antes de tudo com o testemunho, o despojamento, a alegria e o compromisso com a verdade do próprio animador missionário e de sua instituição.

Outro grande aporte que a animação missionária traz à pastoral missionária é a *sabedoria* da missão *ad gentes*. No encontro com os povos a Igreja encontra e amadurece sua vocação e sua fé, descobrindo facetas do mistério do Deus que anuncia na experiência religiosa dos outros, abrindo caminhos de aproximação e de encontro, aprimorando metodologias e disposições nas situações mais difíceis, esmerando sua capacidade de adaptação na inserção em outras culturas. O Pe. Comblin afirmava que a evangelização radical é obra do estrangeiro, porque os interlocutores são convidados a se abrir a uma novidade que vem de fora, e assim romper com seus hábitos mentais e vivenciais: “a missão é movimento que parte de um ponto anterior a qualquer cultura – o amor do Pai –, e chega a um ponto ulterior a qualquer cultura – o ser humano situado além de todos os seus sistemas de proteção e defesa, a pessoa desarmada e aberta à pessoa”.¹⁴ A missão *ad gentes* constitui um aprendizado fundamental e insubstituível no qual a Igreja aprende a ser Igreja.

Também essa sabedoria necessita ser sistematizada num pensamento e numa *reflexão* de caráter bíblico, teológico e espiritual. Essa contribuição que a animação missionária oferece à pastoral missionária é um serviço que tem como objetivo aprofundar, delinear, clarear os eixos fundamentais da dimensão paradigmática da missão, como também se propõe a apontar pistas e critérios de ação para a dimensão programática. Contudo, a experiência missionária oferece elementos para o discernimento e formação dos agentes não apenas no campo missiológico. Pensamos ao âmbito antropológico e etnológico, ao diálogo inter-religioso e intercultural, à promoção dos direitos humanos e ao cuidado com a

¹³ CNBB. *Igreja: comunhão e missão*. 26ª Assembléia Geral – Itaiçá, 13 a 22 de abril de 1988, n. 119.

criação, ao conhecimento linguístico e artístico dos povos, etc. A epopeia missionária *ad gentes* sempre foi de imensurável estímulo para ter acesso a conhecimentos, produzir pesquisas de campo, realizar estudos e oferecer sínteses criativas à Igreja e à sociedade.

Vocação da animação missionária é ser ponte entre mundos, como também diminuir toda distância entre a missão *ad gentes* e a pastoral missionária, promovendo a *participação* efetiva de todo Povo de Deus na missão universal. O que normalmente se entende com cooperação missionária vem da convicção que a missão *ad gentes* é essencialmente uma ação eclesial, um mutirão onde todos são convidados a participar. Caso contrário, sem apoios de variada natureza, ela não seria viável: missão é sempre uma tarefa compartilhada, é um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial. O olhar realista sobre a humanidade de hoje em sua dimensão planetária e interconexa, leva a entender a urgência de uma concreta solidariedade entre igrejas, culturas e povos, que se expressa com a comunhão espiritual, com a comunhão de vida, com a comunhão de bens materiais, com o engajamento em projetos missionários além-fronteiras, de maneira que nessa projeção todo sujeito eclesial pode se sentir contemplado.

Particularmente, a cooperação missionária deve levar a promover a *consagração* à missão através uma específica animação vocacional e formação missionária. Essa consagração é a participação mais ousada à causa do Reino. Com efeito, o dom total *ad vitam* expressa o sentido fundamental e profético de um engajamento na missão *ad gentes*. O Papa Bento XVI reconhece que:

*A vida consagrada resplandece, em toda a história da Igreja, pela sua capacidade de assumir explicitamente o dever do anúncio e da pregação da Palavra de Deus na missio ad gentes e nas situações mais difíceis, mostrando-se disponível também para as novas condições de evangelização, empreendendo com coragem e audácia novos percursos e novos desafios para o anúncio eficaz da Palavra de Deus.*¹⁵

¹⁴ COMBLIN, José. *Jesus enviado do Pai*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 20.

Este testemunho não deverá desaparecer, porque sem missionários consagrados não há missão (cf. *Rm* 10,15): “quanto mais a missão é proposta em sua autêntica radicalidade, tanto mais será afirmado seu significado e seu valor para toda vida cristã”.¹⁶ A figura do missionário *ad gentes* e *ad extra* precisa ser apresentada como uma realização paradigmática da vida cristã e como modelo de realização humana.

CONCLUSÃO

A palavra “missão”, hoje em dia, não pode mais ser utilizada de maneira exclusiva para se referir a um imaginário ou a uma atividade de evangelização entre os não-cristãos. Ela diz respeito a uma mudança radical da Igreja em todo seu ser e em todo seu agir, tão profunda que investe também a própria missão *ad gentes* numa transformação significativa. Contudo, essa última não é apenas uma das tantas ações programáticas gerada por uma conversão paradigmática: diz respeito a algo essencial e referencial para a renovação missionária da Igreja. Talvez esteja na origem de uma inspiração e de um modelo de mudança paradigmática. A dimensão universal que ela carrega é uma dimensão indeclinável de fé, a ser vivida pelos discípulos missionários onde estiverem, de diferentes maneiras contextualizadas, mundialmente solidárias, na contínua doação pessoal de si aos pobres e aos outros, em comunhão com todas as igrejas espalhadas pelos seis continentes.

Sem dúvida essa dimensão não poderá ser desvinculada de um longo processo de amadurecimento e de personalização de nossas comunidades locais. Abre-se *ad gentes* uma Igreja que está consciente de sua própria identidade e dos valores que pode entregar aos outros como contribuição própria. Enquanto uma Igreja não atinge esta experiência personalizante de seu próprio ser e dos conteúdos que pode transmitir, acompanhada necessariamente de uma sua própria autonomia administrativa e institucional, delega seu compromisso *ad gentes* à esfera das coisas que se aceitam, mas não se vivem. Mas é verdade também o

contrário: uma conversão e uma maturidade pessoal e comunitária podem ser ocasionadas pelo desejo de uma abertura a essa dimensão e a esse chamado. A missão é parte essencial de um caminho discipular: não é uma meta (cf. *DAp* 278e).

É exatamente por este motivo que não podemos esquecer esse compromisso: sem fazer humildemente sua memória, nunca a Igreja latino-americana chegará a cumpri-lo. E se não cumprir esta evangelização aos outros povos nunca será verdadeiramente Igreja, pois o âmago do Evangelho é um anúncio de um Reino que não têm confins, para todos: não só continental, mas universal:

*A Igreja particular não pode fechar-se em si mesma, mas, como parte viva da Igreja universal, deve abrir-se às necessidades das outras Igrejas. Portanto a sua participação à missão evangelizadora universal não é deixada ao seu arbítrio, mesmo se generoso, mas deve ser considerada como uma lei fundamental de vida; o seu impulso vital diminuiria, com efeito, se ela se fechasse às necessidades das outras Igrejas, concentrando-se unicamente sobre seus próprios problemas.*¹⁷

A animação missionária adquire aqui sua relevância em relação à Missão Continental e à Nova Evangelização através do testemunho dos missionários que atuam nas situações mais difíceis, da sabedoria experiencial no encontro com as pessoas e com os povos, da reflexão missiológica para repensar uma pastoral missionária, da convocação de todos a participar da missão de Deus no mundo e do apelo à consagração para a missão *ad gentes*. São cinco elementos chave para repensar a missão como dinâmica de conversão *ad intra* da Igreja e como impulso projetual *ad extra* para todos os interlocutores do mundo de hoje. Não é acaso que o leque da missão *ad gentes* se abre para as frentes mais diversificadas entre desafios religiosos, sociais e culturais. (cf. *RMi* 37).

¹⁵ BENTO XVI. Exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, 94c.

¹⁶ MISSIONARI SAVERIANI. *Documenti capitolari. XVI Capitolo Generale*. iSaveriani, 75, setembro 2013, p. 14.

Mas o imperativo maior está no verbo “sair”. É preciso sair já e de qualquer jeito! Esse sair não tem fronteiras: representa um chamado surpreendente que nos convida a deixar tudo e a seguir Jesus pelas estradas do mundo, no encontro com os outros e na ternura com os mais pobres. Isso é missão, isso é viver plenamente, isso é recompensa a si próprio:

A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária” (ChL 32). Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo (EG 23).